

## CICLO DE OFICINAS RODA DE SABERES RELATÓRIO DE TERTÚLIA

# A complexidade da relação entre poder investigação e prática



### FACILITADORAS DA SESSÃO

Rita Campos, Ana Teixeira de Melo e Patrícia Silva

### INFORMAÇÕES GERAIS

**Número total de participantes:** 14 participantes (incluindo 3 facilitadoras)

**Data:** 5 de Março 2020

**Duração:** 120 min

**Hora início:** 10:00

## DESCRIÇÃO GERAL DA SESSÃO

As três facilitadoras deram as boas-vindas ao grupo, enquadrando a tertúlia no Ciclo de Metodologias “Roda de Saberes” e nos temas das duas tertúlias anteriores. Especificamente, foi referido que o tema da presente tertúlia tinha surgido pela necessidade que o grupo que reuniu em Janeiro sentiu de aprofundar a discussão em torno do triângulo Poder-Investigação-Prática.

. Resumidamente, foi proposto que a discussão se fizesse em três tempos, explorando a relação de cada vértice do triângulo com os 2 restantes vértices, e que cada participante tentasse limitar a sua intervenção a 1-2 minutos, por forma a garantir que cada pessoa tivesse tempo igual para intervir.

O debate iniciou-se olhando para a Investigação e a Prática, e sua relação, a partir de uma lente/perspectiva focada no vértice Poder.

Uma primeira participante fez alusão às tertúlias anteriores e ao desenvolvimento dos temas conducente ao tema desta tertúlia. Foca a questão que ficou no final da última sessão centrada na ação e a questão: “O que podemos fazer?”. Menciona a questão do Poder e das Implicações para o nosso papel enquanto investigadores/as que tentam fazer uma Ciência crítica, decolonial e como as relações de poder atravessa contextos e práticas. Capturamos algumas das ideias principais: *“Contornar as relações de poder na investigação e na prática implica pensar na postura de cada um consigo mesmo, pensar no que nos move, mantermo-nos como sujeitos em dúvida. A construção das relações teóricas parte de nós... É importante a criação de códigos de conduta pessoal na condução da investigação para lidar com as questões de poder”*.

Uma segunda participante, também presente na tertúlia anterior, menciona o seu posicionamento face a este tema a partir de uma posição pessoal centrada na ideia *“Sou o que quero ensinar”* e do desafio para se Praticar aquilo de que se Fala, enquanto sujeitos em construção e mutação. Uma das facilitadoras relembra como das discussões anteriores saiu salientada a dimensão de Ética Pessoal e a criação de códigos de conduta pessoal. Surge a ideia de que há sempre relações de poder e que elas são múltiplas e interactuantes: *“não saímos das relações de poder, pelo que a questão é: como se desempenham estas relações, como nos posicionamos perante os quadros de valor que elas representam?”*.

Uma outra participante reforça a ideia da importância de se encurtar a distância entre o que se diz e se pratica, evocando Paulo Freire. Fala de uma posição enquadrada por categorias de género e do saber-poder produzido nestes contextos e da necessidade de se usar grelhas como racismo-classe-género nas

---

análises. Fala ainda da necessidade de olhar para populações mais vulneráveis com o intuito de as visibilizar e empoderar, da inserção da investigação em movimentos sociais e da circulação no espaço público, nomeadamente por intermédio da comunicação de ciência. Lança-se a questão “*como visibilizar contextos historicamente apagados; como inserir movimento e produzir sentido para a investigação e prático num quadro de saber-poder?*”.

Uma outra participante menciona a ideia de Poder a partir da ideia do Poder de quem Financia a investigação, e o Poder de determinadas linhas de investigação face a outras. Menciona como na prática não se elimina o poder mas pode tentar equilibrar-se poderes através dos resultados da investigação. Um outro participante menciona o papel de diferentes Funções na Sociedade e o poder que podem ter a mais ou a menos, defendendo a necessidade de democratizar as relações da estrutura no sentido de uma maior horizontalidade.

O que fazer com as relações existentes? Há que procurar abrir novos caminhos para resistir a poderes dominantes re-criando e re-organizando a academia como forma de resistência a movimentos que a fecham.

Surge ainda a ideia de que pode haver uma nova forma de trabalhar o Poder para enfrentar o Poder existente. Uma participante menciona o contexto Brasileiro atual e como os cenários vêm mudando relativamente à investigação. Fala-se de que nalguns contextos a situação política que enquadra a investigação pode ser entendida como um quadro de guerra que visa eliminar a multiplicidade. O grande desafio é, pois, de construir um plano Macro que atenda a este contexto de Guerra.

Uma das facilitadoras menciona o papel das Humanidades e a sua posição em relações de Poder face a outros domínios científicos e de como o diálogo (ou a falta dele) tem sido visível juntamente com um atropelamento da investigação nestas áreas e do seu valor traduzido em ataques agressivos a departamentos de Humanidades. Fala-se do potencial para responder a estas situações por via da Interdisciplinaridade real e do encorajamento à mesma, e à Transdisciplinaridade, aliadas como ferramentas para a reinvenção das Humanidades, como forma de “resistência líquida” das humanidades.

Outra participante fala do poder da própria investigação de tornar visível e denunciar determinadas realidades dando exemplo da sua investigação sobre a Polícia e mortes decorrentes de ações policiais. Na discussão é ainda referido que a investigação tem poder para inverter processos sociais mas que há riscos associados, nomeadamente quando o/a investigador/a alerta e escreve sobre esses processos, podendo aumentar a sensação de vulnerabilidade coletiva ao reforçar apenas os desequilíbrios de poder. Neste seguimento, e apelando-se aos temas da Educação e Justiça, pergunta-se como o/a investigador/a interpela as

---

---

peças que colaboram com a pesquisa e como se provocam reações e se pensa “e daí?”. Menciona-se a importância de se atender ao que se escreve e como se escreve.

Fala-se ainda da dimensão temporal e do desfasamento entre os tempos da ciência e os do mundo real e das suas dinâmicas. Levanta-se a questão da investigação que foca objetos que são mutáveis e que por isso deixam de ser o que são, ou são já coisas diferentes, à medida que a investigação avança. Há que refletir sobre como o mundo, ao mudar, “foge” à investigação e quais as formas de proceder perante isso.

Surge a ideia de que, perante perspectivas de Poder, naturalmente se levantam questões de conflito nos movimentos de resposta. Numa situação de conflito, resistir será suficiente? Fala-se da necessidade e do papel de alguns em desestabilizar instituições e sistemas de poder e as suas práticas dominantes e de como as discussões em si podem ser forma de respostas ao poder.

A Comunicação em Ciência é apontada como uma forma de contra-poder, assim como a investigação colaborativa, aliada à prática, pois a investigação crítica deve gerar empoderamento, nomeadamente de grupos vulneráveis. Refere-se a investigação inter e transdisciplinar organizada em múltiplos níveis, e perspectivas focadas nos temas do mundo, e o papel das metodologias dinâmicas como estratégias de contra-poder. Refere-se como o carácter dinâmico, multinível, multifacetado da realidade é alvo de atenção nas ciências da complexidade e como pode ser importante pensarmos métodos mais dinâmicos nas ciências sociais, seguindo os esforços que alguns têm iniciado nestes domínios. Refere-se, ainda, como a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade deveriam ser mais organizadas a partir de ‘temas’, questões do mundo a que várias formas de saber tentam dar resposta em esforços conjuntos. Esta abordagem é fundamental para se manter a ligação com a natureza da realidade que se pretende investigar e monitorizar algo que é mutável. Nos esforços inter e transdisciplinaridades organizados a partir de temas reais pode-se tentar diluir as questões de poder, por exemplo, entre disciplinas.

Fala-se da distância entre o tempo do mundo real, do tempo da realidade de objetos que não são congelados, e dos desafios colocados à investigação e comunicação em ciência.

O grupo concordou então em fazer um breve intervalo, para retomar a discussão pensando-a a partir dos restantes dois vértices do triângulo Poder-Investigação-Prática.

Retomando o debate, inverteu-se a perspectiva e olhou-se para a relação entre Poder e Prática a partir de uma posição centrada na Investigação.

---



---

Uma das facilitadoras mostrou a seguinte citação de apresentação em powerpoint:

*‘A construção epistemológica de uma ecologia de saberes não é tarefa fácil. (...) A partir de qual perspectiva é possível identificar diferentes conhecimentos? Como se pode distinguir o conhecimento científico do não-científico? (...) Como formar decisões partilhadas e distingui-las das impostas? (...) Relativamente à natureza e à avaliação das intervenções no mundo real possibilitadas pelos saberes, como se pode traduzir tal perspectiva em práticas de conhecimento?’* (Boaventura de Sousa Santos. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. Novos estudos - CEBRAP no.79. São Paulo: Nov. 2007)

Partindo dela, falou-se da investigação a partir da prática como resistência à ciência hegemónica de tradição iluminista, resultante de uma opção epistemológica assente em concepções dualistas, binárias e limitadoras do modelo científico imperialista. Em contrapartida, propôs-se o conceito de “ecologia de saberes” como forma de ultrapassar essas concepções baseadas numa lógica de conflito e trazer maior complexidade às leituras, integrando as dualidades e transitando para uma lógica de consenso.

Reflecte-se sobre transformações ocorridas no mundo académico e como quando a instabilidade do mundo afeta e perturba a vida dos que fazem a academia (e.g. ameaças às carreiras; precariedade), e de como a academia também se abre e é alertada para as necessidades e problemas do mundo. Fala-se de como promover mudanças ‘a partir de dentro’ trazendo para a academia outros parceiros.

Fala-se dos constrangimentos dos financiamentos e da determinação dos mesmos a partir de determinados quadros de poder para se sublinhar movimentos alternativos e de resposta a estes constrangimentos por via da criatividade, das parcerias com outras organizações fora da universidade, da liberdade de se poder criar instrumentos e formas novas de agir, de promover a abertura e respeito profundo pelo pensamento do outro como condição para se investigar. Fala-se, acima de tudo, de um exercício comprometido de tudo aquilo em que se acredita, da prática de um quadro de valores, que se procura clarificar de forma transparente, na forma de fazer investigação. Surge a ideia da prática de uma rebeldia utópica na investigação.

Menciona-se a importância de a Investigação, na relação com o Poder e a Prática, criar lugares alternativos de diálogo. Refere-se ainda a importância de se contribuir para a mudança das instituições estando-se embebido no seu funcionamento e das oportunidades que se criam quando se aceitam cargos de gestão, para se criarem diferenças que façam a diferença. Reforça-se a ideia de que “sozinho não dá” e que é necessário organizarem-se ações coletivas sobre outras formas de fazer ciência, de se tirar tempo para realmente se fazer ciência.

---

---

Perante um clima de poder que promove ‘investigadores não pensantes’, que procura abolir a diversidade e controlar a investigação com financiamentos dirigidos a temas que bloqueiam a exploração, de práticas de fazer ciência instrumentalizadas, fala-se da importância de a investigação responder ao Poder-Prática criando “bolhas” para se respirar, espaços-tempos para o envolvimento em exercícios de criatividade, para se desbloquearem “corpos cansados” (porque a investigação é encarnada num corpo) para, assim, se criarem lugares de resistência e oportunidades de recalibração dos/as investigadores/as.

Reforça-se a ideia de se levarem a cabo iniciativas que estimulem e sustentem a coragem na investigação. Menciona-se ainda a necessidade de se abrir a Universidade à Comunidade, de se pensar a Extensão se fazer ciência “com”.

Finalmente, debateu-se o mesmo triângulo partindo-se da perspectiva da Investigação para reflectir sobre Poder e Prática e sua relação

Neste âmbito, falou-se da criação de sinergias e co-dependências, ao nível do desenvolvimento pessoal e da formação. Abordou-se a questão das escalas de ação e transformação e dos recursos operacionais para as mudanças, relativamente aos recursos anímicos dos/as investigadores/as, referindo-se a necessidade de fazer lobby de investigação, de se ‘subverter a ciência’, por meio de associações de investigadores, de articulação com grupos de pesquisa diferentes do habitual, e de desenvolver um ativismo pessoal.

Fala-se de um movimento de afastamento de um modelo Imperial de ciência para uma Ecologia de Saberes e de como este movimento não está isento de gerar conflitos.

Sublinha-se a importância de se investir em metodologias novas para conduzir investigação a partir da prática e assim subverter a relação poder-ciência. Fala-se da produção por coletivos. Levanta-se, ainda, a questão de como sair de quadros epistemológicos dualistas/binários, para se dar conta de potenciais conflitos, evitando-se quadros oposicionais com novos enquadramentos de referência que extrapolem uma lógica binária/dualista como forma de responder a temas de poder na relação com a investigação e prática. Não obstante discute-se que pode ser, ainda, necessário, gerar desestabilização pela criação de “espaços do contra” e de se gerar crise pois são as instituições que sustentam poder. Levanta-se a questão da articulação de “linhas de fuga”.

Uma participante fala das suas opções e práticas enquanto contributos para a reflexão sobre formas de ação face à transformação, no contexto do triângulo Investigação-Poder-Prática, partilhando estratégias de uma epistemologia de luta. Menciona como a alteração das circunstâncias sociais e políticas no Brasil levou a que muitos académicos, antes centrados mais nas suas carreiras e com menos

---

---

envolvimento ativo na sociedade, se inquietassem sob a ameaça, e estivessem mais envolvidos com a realidade envolvente e a transformação. Dá como exemplo de estratégia:

- 1) Usar o papel de revisor/parecerista para disseminar formas de pensamento e de fazer ciência alternativa, oferecendo pistas, sugestões e alternativas a investigações que não integram estas preocupações de uma ciência mais flexível, colaborativa, envolvida com a mudança social, e porque o papel de revisor permite tomar posições ancoradas dentro dos meios científicos.
- 2) Aproveitar oportunidades e a liberdade oferecida pela falta de financiamento.
- 3) Trabalhar com outras organizações fora da universidade, que assumem a posição de que para “quem sofre na luta, esta é só mais uma luta”, e por isso continua-se a lutar.
- 4) Manter posição de interesse e respeito por outras posições, evitando uma posição de conflito e de “briga”; defender ideias mas sem criar divisões, antes procurar agregar.
- 5) Aproveitar cargos de gestão para introduzir diferenças, ainda que pequenas, nas práticas dominantes.

Surge a ideia de estreitar a ligação entre Brasil e Portugal e o que pode ser aprendido por ambos os países pelos constrangimentos diferentes a que têm estado sujeitos os/as investigadores e a ciência nestes países. Fala-se do papel da Extensão e da diferença entre o papel e a natureza das atividades de Extensão no Brasil e em Portugal. Partilham-se exemplos de experiências e projetos centrados no “fazer com”, em experiências em que a sociedade e a universidade são parceiros reais.

Uma das facilitadoras falou da diferença entre um paradigma centrado na resolução do problema e um paradigma centrado na solução ou em visões preferidas, que dissolve o problema e cria realidades alternativas onde o problema não pode subsistir. A construção e ampliação de alternativas pode, neste enquadramento, suplantar ou diluir as realidades problemáticas pelo que o enfoque torna-se: que realidades queremos construir (para a prática, para a investigação) e como as praticar?

Aborda-se a ideia de constrangimentos associados à liberdade e à criatividade e em contraponto, a necessidade de “empurrar com a barriga” de se desenrascar, de se ser inventivo nas respostas e procurar campos de ação fora da alçada do poder dominante: e.g. transformar o constrangimento da falta de financiamento em oportunidade de exploração da liberdade intelectual e científica que pode atender aos apelos da prática e andar mais depressa do que a ciência tradicional, pois a prática avança mais rapidamente que a ciência.

A ideia de liberdade intelectual e da necessidade de movimentos de exploração inter e transdisciplinar mais profundos, abertos, baseados numa curiosidade que

---

---

leva à criatividade e encontro de novas formas de pensar e agir mas que só pode acontecer fora dos contextos de poder dominante ou criando contextos alternativos dentro destes, como a criação de espaços dentro ou fora das universidades para exploração de competências diversas e de diálogos curiosos entre diversos campos e saberes.

Reflete-se sobre os constrangimentos e pressões dos investigadores/as portugueses com contratos temporários, a dinâmica da competição, a luta por projetos e publicações que desvia do tempo para pensar.

Houve relatos de muitas/os participantes que fazem sacrifícios pessoais e que resistem a determinadas dinâmicas de poder instaladas através das suas práticas de uma forma de fazer ciência diferente (atenta, colaborativa, envolvida, sensível, capaz de integrar múltiplos métodos e vozes e perspectivas). Face a isto, uma participante comenta como esta motivação e força vem de um comprometimento pessoal com um quadro de valores: uma ideia da pessoa que se quer ser e do tipo de ciência que se quer praticar e de como esta reflexão precisava de ser estimulada nos contextos de formação de investigadores/as através de um enfoque no seu desenvolvimento pessoal e na clarificação das suas motivações, valores e compromissos e exposição a diferentes formas de fazer ciência.

Fala-se da necessidade da exploração do pensar, da descoberta interdisciplinar e de outros saberes. Uma das facilitadoras dá o exemplo de iniciativas de contextos de retiro intelectual alternativos à Universidade que começam a ser criados e procurados por investigadores/as, tal como propostas como oficinas de escrita criativa. Fala-se da importância da criatividade e da liberdade de exploração e da curiosidade face a outros saberes que leva à interação da qual podem resultar novidades significativas e de espaços informais para reflexão científica.

Num momento final da tertúlia integraram-se alguns temas e pediu-se que cada participante escrevesse uma palavra ou frase chave que resumisse os aspectos que desejava sublinhar do debate. A lista das palavras chave incluiu:

- troca;
  - estímulo e coragem;
  - corpos e reposicionamentos na investigação científica;
  - criatividade, liberdade, expansão de formas de saber e como fazer;
  - desafio de trabalhar no e com o conflito;
  - colaboração;
  - divergências convergência e respeito;
  - rebeldia utópica;
  - o encontro convidou-nos a pensar sobre a rutura com os modelos tradicionais e a construção coletiva do fazer e criar;
  - produção por coletivos como forma de subversão do poder.
-



## REFLEXÕES, QUESTÕES, DESAFIOS E NOVAS PROPOSTAS EMERGENTES

No final da sessão, convidou-se o grupo a reflectir sobre temas para a próxima tertúlia, tendo ficado acordado que esta se iria debruçar sobre metodologias. O tema específico será determinado pelas facilitadoras, e organizadoras do Ciclo, mas obedecerá à perspectiva de um debate centrado nas metodologias/métodos que preferimos/escolhemos/gostaríamos de experimentar ou no cruzamento e polinização-cruzada de metodologias ou métodos.

A riqueza do debate foi grande e as ideias emergentes foram muitas. O resultado apresentado neste relatório é tanto uma descrição do que foi debatido como uma construção limitada pela nossa (facilitadoras) capacidade de apreender e relacionar na totalidade a diversidade de ideias apresentadas. Este relatório constitui, portanto, uma memória imperfeita como uma construção nossa, daquilo que mais nos afetou e perturbou, daquilo em que nós próprias ficámos a pensar.

Ficou claro que a profundidade de alguns tópicos e questões beneficiou dos debates anteriores e do amadurecimento de algumas ideias ao longo das tertúlias. Fica a ideia de que uma sessão “sabe sempre a pouco” mas que com um grupo mais ou menos estável as tertúlias podem, verdadeiramente, facilitar a incubação de ideias e lançar desafios e direções para a prática. Independentemente dos esforços coletivos que possamos desenvolver e de conseguirmos desafiar outros/as a continuar a explorar estes temas, julgamos poder afirmar que todos/as os que participamos neste “mini-ciclo” temático de três tertúlias foram ‘tocados’, desafiados, acordados para vivermos a nossa prática com uma consciência mais clara do que nos move, do tipo de ciência em que queremos participar e das questões que temos que enfrentar e trabalhar para tal acontecer.

Fechamos este conjunto de temas com a certeza de haver ainda muito para explorar particularmente ao nível da exploração das ideias debatidas e a sua tradução na prática. Ficaram muitas ideias e possibilidades de trabalho e de exploração futuras.

## AVALIAÇÃO

Foram recolhidos dados de avaliação da sessão de 11 participantes, através de um inquérito administrado no final da sessão. Numa escala de 1 a 5, correspondendo 1 à avaliação mais negativa e 5 à avaliação mais positiva, em média, as/os participantes avaliaram de forma bastante positiva a sua satisfação geral com a estrutura e dinâmica da sessão (4.64), o equilíbrio entre a partilha pessoal e a discussão conjunta (4.64), bem como a satisfação com a adequação e natureza dos exercícios de facilitação da discussão (4.64) e de forma muito positiva a pertinência dos conteúdos (4.82).

Relativamente à avaliação das participações, em média, as/os participantes avaliaram de forma muito positiva o desempenho das facilitadoras (4,82) e o contributo do grupo (4.73). Avaliaram ainda de forma bastante positiva os diálogos, discussões e reflexões

geradas na sessão (4.55). A maioria das/os participantes expressou interesse em participar em novas tertúlias (4.73), recomendando a sessão a outros (4.82).

Em termos de avaliação qualitativa geral e comentários livres à sessão, registaram-se os seguintes temas [nota: as facilitadoras respondem a alguns destes comentários entre parênteses rectos]

-Avaliação positiva da qualidade do diálogo e a oportunidade de reflexão criada, a sua produtividade e da partilha de experiências, com crítica participativa (“*O diálogo correu fluido, dinamizando a problematização e caminhando para sugestões de forma bastante produtiva*”; “*Gosto da experiência das partilhas, do exercício*”; “*Os pontos fortes foram o compartilhamento de experiências, a oportunidade de pensar coletivamente a resistência e a construção de saberes necessárias à pesquisa e academia*”; “*Crítica participativa, empática.*”; “*Gosto muito. Não tenho nada a sugerir*”).

-Nota sobre a vulnerabilidade da discussão aberta, constituindo ao mesmo tempo a sua força (“*Uma força e vulnerabilidade é justamente o modo aberto de fazer a tertúlia que muitas vezes foge da proposta inicial mas abre novas possibilidades a troca de pensares*”)

-Complexidade do tema que é sentida como ‘mais simples’ no diálogo e na distância física dos contextos problematizados [no caso de investigadores visitantes] (“*O tema é super complexo, de alguma forma avalia o contexto das nossas práticas como muito delicado e à distância (estar no CES) parece ser mais fácil do que verdadeiramente é*”)

Algumas/alguns participantes deixaram comentários de melhoramento, relacionados com:

-Uma proposta de as tertúlias conduzirem a experiências de trabalho conjunto (“*Penso que podemos desenvolver um plano de trabalho/experiência conjunta*”)

-Valorização institucional das propostas geradas nas tertúlias e da participação de investigadores/as (“*Interessante que as propostas no final fossem valorizadas institucionalmente: valorização da participação dos/as participantes (...) no CES*”)

-Sugestão de apresentação inicial de todos/as os envolvidos nas tertúlias (“*Uma breve apresentação das dinamizadoras e dos/as participantes*”) [Nota: Parte do grupo esteve envolvido em tertúlias e eventos anteriores da Roda de Saberes mas, por lapso, as facilitadoras não pediram a todas/os que se apresentassem no início da sessão. Este aspecto será corrigido em eventos futuros].

Registaram-se ainda, algumas sugestões adicionais, nomeadamente de:

- Temas para novas tertúlias: “*Sugiro uma tertúlia a respeito da presença das mulheres na Universidade em termos das relações de saber-poder*; “*Seria interessante discutir a comunicação na pesquisa, o conhecimento e a resposta da investigação para as participantes, assim como o empoderamento das mesmas*”; “*Oficinas de narrativas decoloniais serão excelentes*”

-Possibilidades de trabalho conjunto: “*Construção de possibilidades de artigos comuns e experiências intercambiadas permanentes*”

## **PRODUÇÃO E VALIDAÇÃO DO RELATÓRIO**

**Data de publicação do relatório:** 9 de Abril de 2020

**Relatório produzido por:** Rita Campos, Ana Teixeira de Melo e Patrícia Silva

**Relatório validado pelas facilitadoras:** Sim

---